

Mulher

Discurso do Senador Abdias Nascimento homenageando o Dia Internacional da Mulher

Fonte: Acervo IPEAFRO

A recente comemoração do Dia Internacional da Mulher trouxe mais uma vez a discussão e reflexão os diversos temas referente a condição feminina, desde as lutas e reivindicações dos grupos de mulheres organizados até as conquistas que as mulheres vem obtendo nas últimas décadas, passando pelo exame mais aprofundado de assuntos como a própria feminilidade ou o lugar da biologia e da cultura na construção dos papéis sociais desempenhados, ao longo do tempo, por homens e mulheres nas diferentes sociedades.

No caso específico do Brasil, embora muito ainda reste ser feito, é visível o crescimento não apenas quantitativo, mas também qualitativo – da participação feminina em todos os setores da sociedade. Em especial aqueles que, até a pouco tempo atrás, essa participação era explícita ou implicitamente vedada. Motoristas, garis, gerentes, empresários, prefeitas, senadoras, mulheres de toda origem e qualificação ingressam e triunfam cada vez mais em áreas vistas como verdadeiras reservas de mercado masculinas, demonstrando sua capacidade e derrubando estereótipos seculares.

Duramente conquistadas, essas novas oportunidades não se distribuem de maneira igualitária, do ponto de vista racial. Dados estatísticos do IBGE- oficiais, portanto- apontar a existência de um fosso a separar mulheres brancas e negras (ou pretas e “pardas”, como prefere o IBGE), situação que se repete para todos os chamados indicadores sociais, salários, escolaridade, mortalidade infantil, expectativa de vida e etc. Pode-se na verdade afirmar, como o fazem alguns pesquisadores, que foi de certo modo o trabalho das empregadas domésticas, negras em sua maioria, que permitiu que intelectuais e militantes brancas ganhassem mais espaço social para mulheres de classe média e alta, sem que aquelas obtivessem uma contrapartida justa para sua colaboração essencial, ainda que quase sempre compulsória.

Seria no mínimo interessante, no entanto, observando o papel reservado nas tradições africanas e afro-brasileiras desde os tempos mais remotos, até a contemporaneidade. A começar no antigo Egito, onde uma visão bastante igualitária era expressa a partir da própria mitologia. Osiris, o primeiro e mítico soberano e Deus, exercia o poder o poder político e espiritual em conjunto com Isis, sua irmã e esposa. Foi Isis que transmitiu a Osiris o conhecimento da agricultura, que este repassou posteriormente a humanidade como um todo. Assassinado por Set, Osiris teve seu corpo despedaçado e os pedaços espalhados pelos quatro cantos do mundo. Mas Isis reconstituiu seu corpo e o ressuscitou. Ela também ensinou ai filho Horus os segredos e a filosofia do Pai, de forma a assegurar a continuidade e da mensagem de *Ma'at*, a filosofia da justiça da verdade e do direito que fundamentava matriz ética da civilização egípcia.

Assim, não é de se estranhar a abundância de mulheres soberanas no Egito antigo, tanto na esfera da condução e administração do Estado como no âmbito religioso-espiritual. Rainhas como Nefestiti Tye, Nerfetari e outras gravaram seus nomes na história como estadistas, em colaboração com seus maridos faraós. Houve também sacerdotisas soberanas nos centros primordiais do culto religioso, assim como uma faraó feminina. Hapashetsut, que reinou sozinha a 18^a.dinastia. Mas a mulher egípcia mais conhecida foi também uma estadista. Defensora de seu país contra o maior poder imperialista que o mundo até então conheceu, Cleópatra-cuja aparência física na tinha a ver com Elisabeth Tylor do filme de Hollywood – foi muito mais que amante de um general romano., Se conseguiu manter tanto tempo a independência do Egito. Foi devido à sua competência política e a sua habilidade de barganha e negociação.

A tradição das rainhas-mães africanas estabelece na antiga Núbia, ou Cush, com a linhagem das Kentakes, que reinaram durante cerca de 600 anos, a partir de 300 anos a.C, por direito próprio, e não na qualidade de suas esposas, com todos os poderes de administração civil e militar. Na própria Bíblia encontramos o exemplo de Makeda, rainha de Sabá, reinos que se estendia de parte do Egito à Etiópia, Sudão, Arábia, Síria e até regiões da Índia.

Além de controlar um riquíssimo comércio, de ouro, marfim, ébano, pedras preciosas, óleos e especiarias, as rainhas africanas dessa época caracterizavam-se como grandes construtoras, responsáveis pela ereção de palácios, estátuas, monumentos, complexos urbanos, represas e sistemas hidráulicos sofisticadíssimos.

Cleópatra não foi a única a guerreira africana a enfrentar as legiões romanas. Amanirenas, uma das Kentakes da Núbia, atacou os invasores romanos em 29 a.C., liderando uma guerra de defesa nacional que durou cinco anos. Com um aparato bélico superior, os romanos conseguiram destruir várias cidades, até chegar a Napata, a capital. Mas a rainha não capitulou, atacou mais uma vez as legiões romanas, já cansadas da longa campanha e conseguiram estabelecer uma negociação direta com César Augusto. Os romanos acabaram desistindo do tributo que queriam cobrar de Cush. A história da África registra muitas rainhas guerreiras, das quais enfrentaram os escravagistas e colonizadores europeus. De Angola temos o exemplo da rainha N'Zinga, contemporânea de Zumbi dos Palmares e soberana competente o bastante para enfrentar militar e politicamente portugueses e holandeses. Gana oferece a figura da rainha Yaa Ashantewaa, que liderou a guerra dos Ashanti contra o domínio inglês. Esses eventos não configuram casos isolados, mas uma tradição que nasce de profundas raízes histórico-culturais: o sistema social político matrilinear que caracteriza, desde seus primórdios a civilização africana. Em vez de desprezar e reprimir a mulher, esse modelo estimula seu desenvolvimento como ser humano, e, portanto sua contribuição produtiva à sociedade como um todo.

A tradição africana de mulheres guerreiras foi transplantada aos Novo Mundo pelos navios negreiros. Mulheres como Dandara, companheira de Zumbi dos Palmares, ou Luiza Mahin, liderança da revolta dos Malês e mãe do poeta Luis Gama, são exemplos da dignidade e espírito de luta dessas mulheres, que não se deixaram abater pela crueldade do sistema escravista. Foram mulheres como essas, anônimas em sua maioria, as responsáveis pela própria sobrevivência dos descendentes de africanos, não apenas por motivos biológicos, mas pela coragem e determinação diante de todas as adversidades. Mas o exemplo mais consistente de uma permanência da visão africana sobre o papel da mulher encontra-se exatamente nas religiões afro-brasileiras fonte de todas as manifestações culturais e artísticas do negro brasileiro, e responsável pela manutenção de uma identidade africana e meio as agruras da escravidão e do racismo.

As Iyabás, ou Orixás femininas, desempenham um papel central na cosmogonia afro-brasileira, Yemanjá, mãe de todas as águas, é o princípio gerador dos seres da natureza do reino humano e do reino espiritual. Oxum, deusa do amor e da água doce, simboliza a fertilidade a procriação e o princípio da criatividade. Iansã, deusa dos raios e dos ventos, senhora dos mortos e símbolo da personalidade livre da mulher, significa o poder feminino na luta pela vida e pela justiça, enquanto Nanã representa a fecundidade, Obá a pureza das cascatas no interior das matas e Ewá, a essência pura das águas cristalinas.

É natural, portanto, que essas tradições, associadas matrilinearidade, tenham produzido um elenco de lideranças religiosas femininas. Mulheres cuja sabedoria, determinação, dignidade e altivez acabaram dobrando estereótipos e preconceitos, garantindo-lhes o respeito de todos e até mesmo o reconhecimento das autoridades constituídas. É o caso de Mãe Menininha do Gantois, a sacerdotisa negra internacionalmente conhecida e respeitada, ou de Mãe Hilda, dotada de uma lúcida

consciência racial e de invejável responsabilidade política e que, ao subir a Serra da Barriga, ao lado de outras lideranças negras, para officiar o culto aos heróis de Palmares nas peregrinações do 20 de novembro assinala com isso o respeito aos que ali tombaram na luta pela libertação dos africanos escravizados no Brasil.

Assim, é com certeza um sinal de novos tempos a presença nesta Casa de duas representantes dessa longa tradição de participação e luta das mulheres africanas e afro-brasileiras. Refiro-me, evidentemente, às Senadoras Marina Silva e Benedita da Silva, que aqui representam, e tão bem, milhões e milhões de mulheres que lutam a cada dia para vencer as barreiras impostas ao mesmo tempo pelo racismo e pelo machismo. A Benedita da Silva, companheira de tantas jornadas quero manifestar meu agradecimento pela emocionante saudação com que me recebeu nesta Casa, garantia maior da disposição de estabelecer metas e estratégias comuns para o enfrentamento do preconceito e da discriminação, e também para a valorização da cultura e do povo afro-brasileiro

Gostaria também de saudar a Senadora Marina Silva pelo que lhe concedeu o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente com justiça atribuído a uma parlamentar e militante dos movimentos sociais que, embora ainda jovem, tem a própria vida a oferecer como exemplo do poder de um ser humano imbuído da vontade de vencer barreiras e superar obstáculos. Embora só tenha vindo a conhecê-la pessoalmente nesta Casa, nela reconheço uma aliada de peso na árdua tarefa de construção de uma sociedade capaz de perceber nas diferenças étnicas e de gênero uma riqueza que não deve ser desprezada sob a pena de empobrecermos significativamente o patrimônio cultural e o potencial de adaptação e resposta da espécie humana às novas condições e desafios que sem dúvida a esperam no próximo milênio.

Finalizando, Senhor Presidente, gostaria de homenagear também a ilustre Senadora Júnia Marise, digna representante do PDT e sincera aliada da causa dos oprimidos de qualquer origem, Seja-me também permitido, evocar, nobres colegas senadores, as mulheres africanas martirizadas nesse país, na figura de minha mãe, Georgina Ferreira Nascimento, a doceira e ama-de-leite que me pariu e me deu leite, a mim e aos senhores de café das terras de Franca, assim como me deu as primeiras lições de liberdade, auto-estima e solidariedade racial. Axé!



INSTITUTO DE PESQUISAS E
ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS